

LISTA A

“Combater as desigualdades, enfrentar a crise”

Candidatura à Comissão Coordenadora Distrital
Bloco de Esquerda do Porto

Programa

A inflação é um assalto às pensões, a quem trabalha e a quem mais precisa!

A maioria absoluta do Partido Socialista é a fotografia de uma governação que, em conluio com os grandes interesses económicos, se alia ao mantra da direita. Só no terceiro trimestre do ano, os salários reais dos trabalhadores caíram em média 4,7%, num cenário em que a inflação já atinge 9%. As faturas da energia sobem, na melhor das hipóteses, 3%. E o custo da habitação dispara, numa combinação entre a asfixia de quem contraiu empréstimo e a ameaça de despejo por parte de senhorios que pretendem continuar a aumentar rendas, a preços já impossíveis para quem vive do seu trabalho. Enquanto isso, a banca e os grandes setores privados distribuem dividendos extraordinários. O lucro do BCP disparou 500% e o do Santander Totta subiu 200%. Já o BPI anunciou um aumento de 9% e a Caixa Geral de Depósitos revela uma subida de 65%. Em média, a banca viu os seus lucros aumentarem 75%. Quem vive do seu salário encontra-se entre a espada e a parede.

A crise enquanto ‘novo normal’ e o estrangulamento do papel do Estado no combate às desigualdades são imposições da diretriz neoliberal europeia, partilhada pelo Governo PS. O combate à crise e à perda de rendimentos é o centro da ação do Bloco nos próximos anos, onde se conjugam, numa perspetiva de classe que cruza todas as lutas, as várias frentes onde o partido quer construir maiorias sociais à esquerda, enfrentando a maioria absoluta do PS: Direito ao Trabalho e Trabalho com Direitos, Emergência Climática, Habitação e Mobilidade, Defesa do Estado Social e dos Serviços Públicos, Feminismo e Direitos LGBT, Antirracismo e Vida Independente, combate à ultra-direita e ao seu programa anti-democrático.

Um balanço com perspectivas de futuro

No mandato dos últimos dois anos, a CCD teve a responsabilidade, no distrito, de erguer uma campanha legislativa, uma campanha autárquica e de ajudar a construir uma campanha presidencial; de experimentar novas dinâmicas de organização e comunicação durante os períodos de confinamento; de acompanhar as várias frentes reivindicativas em torno de uma resposta robusta à Covid-19, que assumiu uma visão interseccional que cruza direitos laborais, acesso à habitação, defesa do Serviço Nacional de Saúde, modernização da escola pública e do papel da ciência enquanto bem público, investimento na mobilidade e nos transportes, reforço dos apoios aos que, por causa da sua condição étnica e/ou de género, sofrem duplamente com as políticas liberais que fomentam a desigualdade e a exclusão.

O Bloco de Esquerda esteve presente nas lutas do distrito e aprendemos com elas. Nas greves feministas do 8 de março, nas marchas LGBTQIA+ que inundaram as ruas do Porto, nas greves climáticas e demais iniciativas de índole ambientalista, nas

manifestações contra o racismo, na luta pelo direito à cultura - peça fundamental em democracia, na defesa da memória contra o fascismo, na luta pelo direito à habitação, no campo de reflexão sobre o trabalho reprodutivo e sobre uma nova política de cuidados, bem como a mobilização sobre os mesmos, que veio para ficar. Temos orgulho neste caminho e sabemos que o Bloco de Esquerda é o partido da esquerda socialista e combativa que queremos afirmar na luta social.

Esse trabalho que se tem desenvolvido no distrito deu frutos importantes. Um dos exemplos foi a persistência da CCD no acompanhamento e organização dos vários combates na esfera do Trabalho, onde se destaca o papel do Grupo Laboral e que permite, hoje, encarar o debate de ideias e a ação do Bloco neste setor com mais capacidade e massa crítica. Num período longo de dismantelamento dos direitos sociais e da capacidade de organização coletiva de quem vive do seu salário com a proliferação da precariedade, o nosso esforço em contraciclo trouxe novos instrumentos de trabalho político que se materializaram em melhores propostas legislativas e numa comunicação mais direta nas dinâmicas sindicais e dos vários movimentos que reivindicam melhores condições de vida, potenciando também o impacto da nossa intervenção parlamentar nesta área. Na RTP, na luta dos vigilantes, das trabalhadoras das cantinas, nos sectores da cultura, dos transportes, das telecomunicações e da limpeza, acompanhando a questão das reformas como no caso dos pedreiros, junto de grandes empresas como a Efacec, na luta contra a precariedade, por direitos para os trabalhadores das plataformas e pela defesa da segurança social pública, o Bloco esteve presente e não desistiu. O Bloco acolheu também no Porto, em 2022, um encontro nacional do setor da vigilância (um de dois encontros setoriais organizados a nível nacional) e, ainda, o XII Encontro Nacional do Trabalho.

O trabalho autárquico ganhou um novo fôlego com o aumento significativo de eleitos do Bloco de Esquerda em assembleias municipais e de freguesias em vários concelhos do distrito, que culminou com a eleição do primeiro vereador do partido na cidade do Porto. Esses resultados são fruto de um aprofundamento do papel do Bloco nas autarquias, acompanhado de um esforço de organização no terreno junto das concelhias e dos núcleos. A intervenção do Bloco em áreas como o direito à habitação, defesa dos transportes públicos, combate às alterações climáticas é hoje um programa político mais sólido com reconhecidos avanços dentro e fora dos órgãos autárquicos no trabalho que desenvolvemos junto das populações.

Junto das e dos jovens, em particular no universo estudantil, apesar de ser evidente que a pandemia representou uma quebra na partilha de experiências associativas, o trabalho desenvolvido pelos nossos ativistas estudantis no apoio às vítimas da Covid-19, no acompanhamento da luta dos estudantes internacionais e, mais recentemente, na justa reivindicação por mais alojamento estudantil e contra a especulação imobiliária, permite-nos encarar os próximos anos com uma participação mais sólida em candidaturas a associações de estudantes e órgãos de governação das Universidades e Politécnicos.

Na representação parlamentar, os eleitos e eleitas do Bloco multiplicaram-se em iniciativas e trabalho junto das populações e causas concretas. Levando ao parlamento os problemas do distrito e traduzindo as soluções em propostas políticas, os deputados e deputadas do Bloco fazem a diferença.

Com uma nova Sede no distrito, que implicou a mudança de um espaço onde residimos durante 10 anos e a reinstalação num espaço cujo potencial enquanto espaço de vivência e militância deve ser cuidado, o Bloco não faltou a nenhuma chamada e marcou a intervenção política no distrito com proposta e reivindicação ao encontro das necessidades reais das pessoas, sempre sem deixar ninguém para trás.

Novos caminhos para as lutas que temos pela frente

O agudizar da crise e das desigualdades sociais e económicas obriga a um reforço da ação do Bloco em todo o distrito, através de uma melhor mobilização da militância e um olhar transversal sobre as várias lutas que temos pela frente. Num distrito em que há quase 750.000 trabalhadores assalariados, há todo um conjunto de lutas a desenvolver pela melhoria das suas condições de trabalho. E existindo quase 65.000 pessoas a ter que recorrer ao RSI, fica bem retratada a pobreza e a vida tão difícil de tanta gente. Nesse sentido, os e as proponentes desta candidatura entendem que a próxima CCD deve assumir as seguintes tarefas como orientação para o seu trabalho político:

- Prosseguir com a aposta na nova sede distrital enquanto espaço de dinamização de iniciativas políticas e culturais, criação de laços entre militantes e dinamização de um espaço que acolha ativistas de dentro e de fora do Bloco nos mais variados setores do movimento social à esquerda;
- Construir uma agenda de intervenção distrital, que em todo o território garanta uma ligação às concelhias, núcleos e ativistas do Bloco de Esquerda, com aprofundamento do trabalho de propagação e de tradução da agenda política;
- Ampliar o esforço tido em torno do mundo do trabalho, com uma rede de ativistas laborais que abranja mais lutas e mais setores de atividade e preencha espaços onde a precariedade se alastra e o trabalho do Bloco enquanto partido movimento é essencial na dinamização de uma identidade coletiva transformadora;
- Acompanhar o trabalho autárquico das eleitas e dos eleitos do Bloco de Esquerda em todo o território distrital através do Grupo de Trabalho Autárquico do distrito, que assume como principais linhas de orientação a discussão política sobre os temas centrais dos territórios e a expressão da democracia a nível local, a partilha de documentos, a formação em torno de temas autárquicos e um trabalho de maior proximidade com cada pessoa eleita com apoio mais especializado;
- Apoiar a dinamização do Grupo de Jovens do distrito, alicerçando as experiências no seio do movimento estudantil e científico enquanto dispositivo de pensamento crítico no espaço académico e motor de uma política de formação para um ativismo comprometido com os desafios das novas gerações;
- Reforçar a articulação das diferentes lutas sociais onde se envolvem as e os dirigentes e aderentes do Bloco de Esquerda: na ação feminista, climática, antirracista e de solidariedade internacional.

É nosso objetivo, num período onde a crise aperta e as opressões se tornam ainda mais visíveis, o alargamento do trabalho do Bloco em todo o distrito, em mais territórios e, simultaneamente, em mais frentes de luta.

Um partido que se constrói nas bases da militância e do ativismo

O período que atravessamos obriga a uma nova dinâmica de militância, gestão de recursos e atividade política. A primeira decisão neste âmbito foi a mudança de sede distrital para um espaço que proporcionasse melhores condições para a dinamização de iniciativas e, com isso, angariação de fundos para o trabalho político. Por sua vez, várias concelhias estão hoje munidas de uma organização militante que permite, autonomamente, participar com contributos para a manutenção de sedes. Paralelamente a esse esforço, é responsabilidade da estrutura distrital apoiar financeiramente cada concelhia e núcleo eleitos com um aumento do apoio mensal fixo e ainda através de auxílio logístico a todas as iniciativas que estas estruturas entendam necessitar em cada momento. A boa gestão financeira que a próxima CCD herda é um importante construtor de um horizonte mais alargado para os próximos dois anos.

No âmbito da comunicação interna e externa, é necessário aproximar e coordenar uma agenda no distrito que tem vindo a ganhar dimensão à medida que as várias concelhias, grupos de trabalho e a própria distrital intensificaram o seu calendário. Nesse sentido, a par das redes sociais, do site e dos materiais de comunicação, propomos uma maior agilização das múltiplas agendas e uma comunicação de maior proximidade com todos os aderentes, conseguida não só através dos tradicionais canais de comunicação, mas também com uma mobilização que seja uma verdadeira rede de ativismo.

LISTA CANDIDATA

CCD 2022- 2024

1- José Soeiro

2- Luís Monteiro

3- Maria Manuel Rola

4 - Rui Nóvoa

5 - Adriano Campos

6- Ana Isabel Silva

7- Susana Constante Pereira

8- Pedro Faria

9- Marco Mendonça

10- Elisabete Carvalho

11 - Helga Calçada

12- Fernando Barbosa

13- José Ricardo

14- Carla Quintas

15 - Patrícia Felício

16- António Sousa Soares

17 - Duarte Graça

18 - Conceição Sereno

19 - Amarílis Felizes

20 - João Martins

21 - Sónia Sousa

Suplentes

1 - Nuno Miguel Silva

2 - Maria Francisca

3 - João Pedro Silva

4 - Marina Romana

5 - Jorge Paiva

6 - Sílvia Agra

7 - Augusto Cruz

8 - Nádia Leal

9 - Tessa Nunes

10 - Fernando Morais

Mandatário: José Castro

Representante na MAE: Rui Nóvoa